

Fazer-se Pesquisadora: Os Caminhos e Descaminhos da Pesquisa em Dois Atos

Becoming Researcher: Ways and Waywardness At Research in Two Acts

Dra. Maria Regina Bortolini de Castro

FMP/FASE

Petrópolis, RJ, Brasil.

reginabortolini@fmpfase.edu.br

As trajetórias da pesquisa social são realmente incríveis. E não raro, estamos diante de questões que nos inquietam e nos mobilizam profundamente porque não apenas afligem o tecido social, mas a nós mesmos.

Desde muito nova eu me perguntava sobre o que nos mobiliza... o que faz com que nós, seres humanos, tenhamos força e alegria para seguir em frente diante de tanta incerteza e dor que a vida nos impõe. Como famílias pobres ainda conseguem sorrir diante da fome? Como crianças violentadas ainda têm esperança na vida? Como homens e mulheres incessantemente dão sentido a um trabalho muitas vezes insalubre e opressor?

Foram esses questionamentos que me levaram à graduação em Ciências Sociais na UFRJ, aos estudos sobre Violência no CLAVES/ENPS e, mais tarde, sobre Representações Sociais no mestrado e no doutorado na UFRJ. E foi o interesse cada vez maior sobre o campo das representações sociais que me fez reunir alunos e professores amigos em torno de um grupo de estudos¹, o GERS - Grupo de Estudos em Representações Sociais, na faculdade onde realizo minha atuação profissional – a Faculdade de Medicina de Petrópolis/Faculdade Arthur Sá Earp Neto (FMP/FASE).

No desenvolvimento das atividades do grupo vivenciamos dois movimentos. De um lado, criamos um curso de extensão de modo a ampliar a interlocução do grupo com outros estudantes, inclusive de fora da instituição. De outro, buscamos materializar nossos estudos através de um projeto de pesquisa.

Conciliar ensino e pesquisa é a finalidade mesma da universidade e propósito de desenvolvimento da carreira e do intelectual que todo professor universitário quer ter e ser. Mas ser professor-pesquisador não é tarefa fácil e gostaria de compartilhar nesse depoimento, um pouco dos acertos e

¹O grupo inaugura suas atividades na XVII Semana Científica da FMP/FASE, com a mesa "Representações sociais e Saúde", contando com o apoio constante da professora Dra Angela Arruda (grande mestre e mentora, minha eterna gratidão!!) e outras colaboradoras como Julyana Gall, Giselle Hammes e muitos amigos professores e alunos.

erros, caminhos e descaminhos, da dor e da alegria no esforço de fazer pesquisa, mesmo sendo professora.

PRIMEIRO ATO – Conciliar ensino e pesquisa é possível?

Em fins de 2011, o GERS iniciou parceria em uma pesquisa colaborativa envolvendo professores e alunos da FMP/FASE e equipe da Estratégia da Saúde da Família (ESF) que atua na comunidade Nova Cascatinha, em Petrópolis/RJ. A pesquisa teve origem na percepção dos agentes comunitários de saúde de que as “questões de saúde” têm estreita relação com problemas sociais e econômicos mais amplos.

Tomou-se a pesquisa-ação como modalidade de investigação tendo em vista que ela admite uma dupla função – a de compreensão e a de intervenção na realidade – e que era nosso objetivo não apenas fazer um diagnóstico de saúde da comunidade como também promover estudos e ações em torno do conceito da Economia Solidária.

Mas, não era só isso. Enquanto pesquisa colaborativa, nossa proposta era maior e admitia um caráter pedagógico, pois tinha uma finalidade formativa junto aos estudantes. Pensando sua utilidade nos processos acadêmicos, Cohen e Manion (1990), apontam a possibilidade da pesquisa-ação produzir determinadas mudanças ou melhorias no processo de ensino aprendizagem, posto que é um empreendimento que permite articular ensino, pesquisa e extensão.

Queríamos dar mais sentido às atividades vivenciadas pelos alunos na unidade do ESF através da iniciação científica, por um lado, e permitir a materialização dos estudos daqueles envolvidos no GERS por outro. Dessa forma, a visita domiciliar (atividade de rotina dos alunos da Medicina) para além da aproximação à comunidade, passava a fazer parte de um projeto maior, que ultrapassava o mero diagnóstico de saúde e permitiria o reconhecimento de outras dimensões da vida daquelas pessoas. E os estudos teóricos no GERS (incluindo os alunos do curso de extensão) eram enriquecidos com as experiências e os resultados da pesquisa no campo.

Diante disso, a equipe da ESF e professores envolvidos discutiram o conceito e os valores da Economia Solidária, e juntos elaboraram um plano de trabalho e já no primeiro semestre de 2012, os alunos foram mobilizados a refletir sobre o tema a partir de dinâmicas e debates em grupo. Após a realização dessas discussões aproveitamos o questionário diagnóstico, que alimenta o Sistema de Informação da Atenção Básica (SIAB) e é realizado regularmente pela equipe da ESF, incluindo

questões sobre vínculos sociais, projeto de vida, resiliência, vida comunitária, solidariedade social, trabalho, hábitos de consumo e uso de plantas medicinais.

A análise dos resultados além de construir um perfil de saúde da população revelou um baixo poder de organização comunitária. Dessa forma, a comunidade foi mobilizada e integrou a realização de atividades no âmbito dos valores da economia solidária². Fechava-se um ciclo de pesquisa com um grupo de alunos.

No desenvolvimento do projeto a equipe considerou importante trabalhar com a percepção que a comunidade tinha de si mesma, através do resgate de sua identidade e memória, de modo a promover o sentimento de pertencimento, o fortalecimento dos laços de vizinhança e o empoderamento coletivo. Essa motivação dava sentido aos estudos desenvolvidos no GERS em torno das relações entre Imagem, Representações Sociais e Espaço Público³.

Dessa forma, em 2014 nasce um novo empreendimento de pesquisa colaborativa entre o GERS, alunos e professores da FMP/FASE e a equipe do ESF, dando continuidade ao trabalho desenvolvido junto a comunidade, com a finalidade de mobilizar as pessoas para o resgate da memória coletiva da comunidade e analisar os processos de (re)elaboração de representações sobre a comunidade, de modo a promover o desenvolvimento de redes sociais que contribuíssem para a melhoria da qualidade de vida e saúde de sua população.

O projeto configurava-se mais uma vez como pesquisa ação, agora fazendo uso de ferramentas das pesquisas do tipo PHOTOVOICE⁴. Pretendia envolver idosos e jovens, residentes no Cascatinha, no levantamento da história da comunidade, a partir de entrevistas e grupos focais, assim como no

² Foi realizada uma gincana com recolhimento e tratamento de lixo, e oficinas para crianças/adolescentes e adultos voltadas para a consciência e preservação ambiental, especialmente a preocupação com o cuidado do lixo e sua relação com a qualidade de vida, assim como voltadas para alimentação saudável e cuidados básico da saúde. A partir dessas primeiras atividades, foram identificadas pessoas da comunidade que produziam algum tipo de bem ou ofereciam serviços à comunidade. Essas pessoas foram convidadas e integrar um grupo de “artesãos” e, posteriormente, foram realizados bazares com a exposição de seus produtos e serviços a fim de divulgá-los à população, dando início à divulgação dos valores e a experiência da Economia Solidária a nível local.

³ Estávamos tomados pela grave crítica as instituições públicas, em especial aquelas que representam o poder publico, o Estado, deflagrada pelos movimentos sociais de junho de 2013. Não obstante a surpresa quanto a nova estética e organicidade/anarquia que esses movimentos representavam, a discussão sobre a relação entre o estado e a sociedade civil era recolocada pelas comunicações através das mídias. Um debate pontuado/marcado não só por “palavras de ordem” mas, especialmente, pelas imagens/vídeos postados na rede ou veiculados pela grande mídia. Diante desse novo cenário nos perguntávamos: As novas mídias estão (re) significando o sentido do espaço público? É possível estabelecer relações entre os processos e categorias analíticas da Teoria das Representações Sociais com os estudos no campo da Semiótica da Imagem, para analisar a dimensão imagética das representações sociais? Em busca de respostas revisitamos autores como Arruda (1994), Arruda (1998), Jovchelovitch (1995, 1998, 2000, 2001, 2008, 2013), Moscovici (1978) e Sá (1998, 1998a, 2005).

⁴ O interesse e a vontade de trabalhar com a metodologia do *photovoice* surgiu no encontro que tivemos com o pesquisador neozelandês James H. Liu. Para saber mais ver Nykiforuk, Vallianatos, Nieuwendyk (2011); Wangn (1999, 1998); Strack, Magill, Mcdonagh (2004); Guillemin e Drew (2010).

levantamento de fotos e de incursões para registro fotográfico daquilo que, para eles, mais definisse a identidade de sua comunidade. Ao final, o projeto ainda envolveria a montagem de exposição fotográfica, com o objetivo de mobilizar a população para a discussão sobre sua memória e identidade. No entanto, diferentemente da primeira experiência, esse empreendimento não seria tão bem sucedido.

Num primeiro momento, novamente foram feitas reuniões de discussão teórico-metodológicas e tomou-se a visita domiciliar feitas pelos alunos da medicina como oportunidade para a realização das atividades de campo. Dessa forma, na primeira incursão em duas microáreas da comunidade cada dupla de alunos realizou entrevista não estruturada com moradores acima dos 50 anos. Foram feitas 11 entrevistas preliminares de modo a buscar uma aproximação a realidade e testar os instrumentos. Nas entrevistas era solicitado aos entrevistados que apresentasse fotos suas que representassem a vida na comunidade e relatassem suas histórias a partir de suas fotos, resgatando a memória oral e visual da comunidade. Foram coletadas 17 fotografias.

Mas dessa vez não obtivemos o mesmo sucesso em nossa empreitada. Estávamos com um novo grupo de alunos, para os quais essa era a primeira experiência de campo. E por mais que tivéssemos feito reuniões de discussão sobre o projeto, sobre as metodologias aplicadas, e para o treinamento da aplicação da entrevista, os alunos vivenciaram inúmeras dificuldades. Evidenciamos que a entrada em campo colocou em confronto realidades e representações. Os alunos descreveram sua primeira experiência de campo como um “choque de realidade”. Eles tinham diante de si um contexto socioeconômico que desconheciam, que se confrontava com a “imagem” que tinham sobre uma “comunidade” e que em alguma medida os surpreenderam. Como diz Howard Becker, diante da falta de conhecimento sobre dada realidade “o pesquisador formará, sem se dar conta, algum tipo de quadro da área da vida a que se propõe a estudar. Porá em jogo as crenças e imagens que já possui para formar uma visão mais ou menos inteligível da área de vida. Sob este aspecto, ele é como todo ser humano” (BECKER, 2007, p. 31)

Para esses alunos a experiência de campo foi fundante para o seu aprendizado na ESF. Os relatos foram muito emocionados e denotavam o quanto a vivência tinha sido desafiadora e construtiva, resignificando suas percepções sobre aquelas famílias. No entanto, as distâncias sociais entre os alunos-pesquisadores e os sujeitos do estudo também foi vista pelos alunos como causa para certo “constrangimento” por parte dos respondentes. Como na *síndrome do jaleco branco*⁵. Eles

⁵ A síndrome do jaleco branco ou “white coat hypertension” refere-se a uma alteração da pressão arterial do paciente _ geralmente elevação, somente quando em presença do médico e de profissionais que usam a roupa branca ou diante

reconheciam que os moradores já os viam como “doutores”, não se sentiam a vontade diante deles e não respondiam com a profundidade esperada as questões da entrevista.

Trabalhar com essas distâncias sociais era mesmo um objetivo de ensino em nosso projeto, mas acabou por se colocar como desafio para a pesquisa exigindo a revisão dos procedimentos envolvidos na investigação. Ingenuidade nossa? Talvez... mas, *conciliar ensino e pesquisa não exige muitas vezes abrir mão da primazia do método em favor do aprendizado dos alunos?*

Não são poucas as questões que se colocam sobre como conciliar ensino e pesquisa sem que isso signifique prejuízo para um ou para outro. Nesse sentido parece haver relativo consenso que a pesquisa na formação não é a mesma realizada por profissional, seja porque as condições de sua realização são distintas, seja porque seus objetivos embora em alguma dimensão sejam coincidentes, não são exatamente os mesmos. Essa é mesmo a distinção feita por Beillerot entre “estar em pesquisa, fazer pesquisa ou ser pesquisador”.

O fato de participar de um trabalho de pesquisa pode permitir a uma pessoa sentir-se ligada a essa atividade, e declarar-se como tal. Já a expressão “fazer pesquisa” indica uma responsabilidade maior sobre essa atividade, que se for realizada com regularidade e autonomia pode então conduzir ao *status* de pesquisador, com a distinção e o reconhecimento correspondentes, sobretudo na academia. (BEILLEROT apud LUDKE, 2005, p. 89)

Queríamos possibilitar aos alunos envolvidos uma iniciação científica capaz de transformar a formação profissional, integrando teoria e prática, conhecimentos acadêmicos e outras formas de saber, diferentes sujeitos e segmentos sociais. E, nesse sentido, a experiência havia sido muito bem sucedida. Ela realmente afetou os estudantes: mobilizou novos olhares para a comunidade e reconhecer na pesquisa científica uma importante ferramenta de trabalho. Incitou até mesmo o debate sobre questões metodológicas.

No entanto, a qualidade dos dados produzidos estava comprometida. As entrevistas não tinham a substância esperada. O mundo da vida, em suas contradições e tensões, afetou os sujeitos da pesquisa (pesquisadores e pesquisados) “contaminando” a experiência de campo, desqualificando aquilo que é tido como científico no âmbito acadêmico-profissional.

Engraçado tomar como “contaminação” o que ocorreu. Nós pesquisadores temos a ilusão de que a ciência pode se fazer alijada dessas tensões. E nos cercamos de mecanismos de controle para

daqueles que os pacientes vejam como profissionais de saúde. Frequentemente está associada a ansiedade ou estresse vivido por alguns paciente por se verem submetidos a uma avaliação de saúde.

“purificar” os procedimentos científicos e dar “mais validade” às nossas teorias. Muitas vezes esses controles mais eficazes nos mantêm protagonistas na condução do fazer científico e nos infringem uma pseudo-segurança quanto aos resultados de nosso trabalho. Vez por outra somos tomados pela clareza de nossa fragilidade frente a pujança inerente a experiência de alteridade que uma simples entrevista pode trazer.

Com isso não quero dizer que certo distanciamento e outros mecanismos não devam fazer parte dos procedimentos de pesquisa, mas apenas reconhecer que a pesquisa se faz com o outro, na relação com o outro. Não coletamos “dados” de um território qualquer, produzimos informações na interação com pessoas. Dessa forma, a entrevista enquanto diálogo produtivo afeta igualmente quem pergunta e quem responde. E o pesquisador que negar isso, certamente não tem tido uma escuta qualificada.

SEGUNDO ATO – Onde a pesquisa pode nos levar?

Mas nem tudo estava perdido. A pré-análise das entrevistas e das fotografias envolveu os alunos da medicina, mas de forma mais intensa os alunos do curso de extensão coordenado pelo GERS. Os alunos do curso de extensão haviam feito leituras e estudos teóricos no âmbito das representações sociais, revisando conceitos como identidade, imagem e espaço público. Debruçados sobre o material produzido, o grupo identificou diferenças substantivas entre os respondentes das duas microáreas, consideradas suas histórias e interações.

Numa micro área os entrevistados reconheciam a comunidade como espaço público, fundado na vida coletiva e no território. Essa noção estava ancorada em uma memória coletiva formada por experiências compartilhadas em torno da formação da vila operária onde residem, com forte marca de constituição identitária.



“... Essa Cia Petropolitana que tem aí, eu trabalhei aí, tinha 3500 funcionários. Pra dizer a verdade a minha leitura é muito pouca, mas devido ao meu procedimento... trabalhei 23 anos aí ... me passaram pra encarregado pro setor de maior responsabilidade que tinha aí, de urdideira e engomadeira. Primeiro passava na urdideira, pra preparar os rolos e ia pra engomadeira pra enrolar o rolo pra tecelagem”.

“Meu pai é aqui de Petrópolis, ele é descendente de alemães, mas é bem moreno e minha mãe é da roça. A gente veio morar aqui depois que o meu pai foi trabalhar na fábrica. Eu nasci no Carangola e minhas irmãs já nasceram aqui”.

As fotografias⁶ são antigas e estão relacionadas ao espaço público, com destaque para a fábrica, a vila operária, a igreja e patrimônio natural que identificam experiências e memórias compartilhadas na comunidade. De fato, é a comunidade representada.

“Caía até gelo aqui. A gente vivia dentro do mato, a casinha era dentro do mato e era o seguinte: aquelas regiões aqui do lado não tinha casa em lugar nenhum, isso aqui pra cima era tudo mato, mata virgem mesmo, não tinha nada”

“As pessoas atravessavam o rio de barquinho para fazer picnic na outra margem (razão pela qual essa outra margem ficou conhecida como Picnic, dentro de Nova Cascatinha)”.

Seus relatos remetem a diferentes domínios da vida onde os benefícios oferecidos pela empresa tornavam a vida melhor.



“Todos que trabalhavam na fábrica tinha direito, pagava aluguel, mas tinha direito morar numa casa. E eu como eu trabalhava, eu e meu marido, né, nós ganhamos essa casa”.

“O jipe era que trazia o médico...eu ficava muito feliz quando o jipe chegava.”

Para esse grupo a experiência comunitária existia como memória e os laços construídos a partir de uma experiência de trabalho compartilhada para além dos muros da fábrica dão sentido para a vida na comunidade ainda hoje. Eles

expressavam orgulho por fazerem parte daquela história, da construção daquela comunidade

“A vizinhança era boa, porque quando nos mudamos para o loteamento aí minha mãe no domingo vinha com a gente pra cá pular muita corda. Uma corda grandona, [...] A gente pulava muita corda, brincava muito de pique-bandeira”.

“Gosto de viver aqui. Porque eu acho que viver sozinho é muito ruim e aqui na vila todo mundo é muito próximo, todo mundo se ajuda e se você precisar de alguma coisa é só gritar que os vizinhos vêm a sua porta”

“Vizinhos bom, né, a gente se dá com todo mundo...”

Sempre fui feliz aqui, né, gosto daqui, né. Só saio daqui quando eu morrer! (risos)”



Para os entrevistados da outra microárea, ao contrário, a noção de comunidade não estava ancorada em memória coletiva, referindo-se apenas as transformações na

⁶ As fotos mostradas pelos entrevistados, embora tomadas como pessoais, são cópias reproduzidas do acervo de imagens do Museu de Cascatinha (Centro Cultural Wilma Borsato Costa).

comunidade _ ou seja, a “tranquilidade” de outrora e a atual “falta de tranquilidade” no bairro. Os entrevistados relatavam histórias pessoais e, embora reconhecessem a “boa vizinhança” que sempre se ajuda mutuamente, destacavam a necessidade de marcar sua individualidade e preservar sua vida particular. As fotos desse grupo são mais recentes, com forte presença do espaço privado, construído pela vida em família, especialmente nos momentos de confraternização e comensalidade. Não há presença de elementos/figuras representativas de vida comunitária.

Embora qualquer conclusão fosse precoce, nossas análises apontavam para a importância do trabalho na memória coletiva e para a construção da representação de comunidade, objetivada em imagens e compartilhada por uma das comunidades estudadas. Isso nos mobilizou profundamente e deixou a interrogação: como na comunidade da Vila Operária as experiências compartilhadas em torno da fábrica eram instituintes das histórias dos sujeitos, forjando suas identidades!??

Já havíamos estudado o modo como as comunidades constroem um repertório comum de saberes sobre suas experiências partilhadas que atravessa o tempo e dá aos seus membros referências a partir das quais estes podem dar sentido não só ao mundo ao seu redor, mas ao entrelaçamento das narrativas individuais e aquelas mais amplas relativas a vida na comunidade, construindo um sentimento de pertença instituinte da identidade desses sujeitos. Como salienta Jovchelovitch,

O conhecimento comum produzido pela comunidade oferece os nós associativos que geram a experiência de pertença. Narrativas individuais e narrativas comunitárias são entrelaçadas de tal modo que, quando a história de uma vida individual é contada, ela contém a história, os acontecimentos, as formas culturais e as maneiras de se comportar de toda a comunidade. De modo recíproco, a lembrança, discussão e desafio de acontecimentos e histórias importantes a uma comunidade permitem sujeitos individuais reconhecer neles o seu poder. (2008, p. 137)

Mas esses relatos traziam à tona outra questão importante: a da centralidade do trabalho na construção de nossa identidade. Aqueles senhores e senhoras entrevistados, ao falar de si e de sua vida na comunidade, tomaram suas experiências laborais como referência.

Na mesma ocasião, o Prof. Eduardo Stotz estava em campo desenvolvendo sua pesquisa na mesma comunidade... e uma de suas auxiliares na pesquisa era minha aluna no curso de extensão. Conexões que a vida faz e me fizeram reencontrar meu antigo professor⁷. Lindo reencontro!! O mestre se

⁷ Eduardo Stotz havia sido meu professor muitos anos atrás no curso de aperfeiçoamento em Saúde e Educação que fiz na ENPS/FIOCRUZ.

aproximou de nosso grupo de estudos trazendo suas descobertas sobre a história operária na comunidade.

Juntos, no grupo, estudamos os processos de industrialização e desindustrialização de Petrópolis, a história da Companhia Petropolitana e o modelo das vilas operárias, adotado pela empresa, as condições de vida e de trabalho da classe trabalhadora⁸.

Nesta altura dos acontecimentos, contávamos com novos integrantes, com novos interesses e pesquisas, e renomeamos o grupo de estudos que agora passaria a se chamar **Grupo de Estudos em Representações Sociais, Saúde e Trabalho - GERST**.

Mas, embora eu ainda procurasse dar continuidade a pesquisa, as condições de campo não eram as mesmas. A equipe do PSF da ESF já não estava mais tão integrada na proposta (outros projetos e demandas se sobrepuseram a pesquisa), muitos integrantes do grupo de estudo estavam focados em seus projetos pessoais (pós-graduação) e não podiam se dedicar da mesma forma que antes a pesquisa. Em contrapartida, eu praticamente só podia contar comigo, mas eu não tinha o mesmo interesse no objeto de estudo-intervenção original.

Já há algum tempo eu estava intrigada com a constituição imagética das representações. E aquelas descobertas de campo reforçavam a minha curiosidade. Fervilhavam inúmeras e novas inquietações em minha mente. Como o trabalho foi se constituindo com elemento central nas suas vidas? Não apenas assumindo centralidade nas suas vidas pessoais, mas entrelaçando laços afetivos e costurando uma vida comunitária? De que modo esse sentimento de partilha os empoderava, os fortalecia? Por que aqueles trabalhadores e trabalhadoras tomaram a fotografia da fábrica, da vila operária, como referência a sua identidade grupal? Como essas imagens participavam da construção de representação da comunidade? Por que maior ou menor acessibilidade ao recurso da fotografia não se colocava como uma diferença no papel que ela teve para os dois grupos de entrevistados na sua representação da comunidade? Ou se colocava?

Estava muito mobilizada para compreender melhor os entrelaçamentos entre a dimensão imagética das representações, os sentidos do trabalho e os processos de construção identitária nas comunidades.

⁸ Especialmente através de pesquisa monográfica desenvolvida por Lucas Cabral e orientada pelo professor Rodrigo Lopes (grande companheiro de trabalho, sempre generoso e amigo), e reportada aqui nesta edição da INTERVOZES.

Ouvindo suas histórias, cada vez ficou mais claro pra mim o quanto toda pesquisa é encantamento, paixão. E que essa paixão por conhecer envolve objetos de nosso desejo. Desejo fermentado na costura entre a inquietação intelectual, a empiria e uma boa dose de nossa biografia. Sempre brinco com meus alunos: a escolha por um objeto de estudo nunca é gratuita, tem estreita relação com as situações e problemáticas em que estamos enredados, mas também algo a ver com nossa história. Afinal, segundo Maffesoli, “O afeto, o emocional, o afetual, coisas que são da ordem da paixão, não estão mais separados em um domínio à parte” mas podem muito bem se tornar “alavancas metodológicas que podem servir à reflexão epistemológica”. (MAFFESOLI, 1998, p.53)

Não era à toa que eu estava assim tão mobilizada. Ao conversar com aqueles senhores e senhoras, trabalhadores e trabalhadoras da fábrica, suas histórias me recordavam as histórias de meu pai, igualmente operário. Meu pai foi operário da indústria gráfica e como aqueles que eu entrevistei também tinha uma relação de profundo respeito e afeto com seu trabalho⁹. E ainda, da mesma forma como alguns dos entrevistados, também foi a partir da sua experiência laboral, das contradições e opressões que a constituem, que ele se forjou sindicalista e cidadão crítico. Foram nas conversas com meu pai que construí minhas primeiras inquietações sobre a vida social. Circularidades da vida...quando a pesquisa faz você rever sua própria identidade.



Pesquisadores, também somos trabalhadores, filhos, professores. Diferentemente de um físico ou químico num laboratório, onde o distanciamento é um exercício intelectual e operacional, nas Ciências Sociais ele é um esforço pessoal. Nossos objetos de reflexão não são tão diferentes de nós, eles nos tocam, nos afetam, nos mobilizam. Estabelecemos com eles um franco diálogo, que nos constitui. A pesquisa nas Ciências Sociais é construída na alteridade. Nenhum antropólogo ou sociólogo sai do trabalho de campo do mesmo jeito que entrou. Não é possível pensar a pesquisa como um processo limpo e bem-arrumado. As operações lógicas da pesquisa estão imbricadas com nossas emoções e imaginação. “O antropólogo, ou pelo menos aquele que deseja complicar suas engenhocas, não as fechar em si mesmas, é um remendão maniaco à deriva de sua razão”. (GEERZT apud BECKER, 2007, p. 27)

⁹ Guardava com orgulho fotografia tirada enquanto linotipista no Jornal A Tribuna, de Santos/SP.

Mas e agora? Era possível dar continuidade ao estudo anterior? Deveria atender as minhas novas motivações? O que fazer? Tudo vale a pena se a alma não é pequena, já dizia o poeta¹⁰. A vida é assim e como pesquisa não é atividade alienígena, mas faz parte dos movimentos da vida, os descaminhos de um projeto constroem novos caminhos e novos projetos. A questão das condições de vida e saúde dos trabalhadores, dos sentidos e representações envolvidos na produção e reprodução do trabalho, da centralidade do trabalho e das subjetividades envolvidas, passou a ser o objeto de meu interesse. Não só porque ecoava em minhas mais caras memórias, mas também porque o grupo agora reclamava este tema de estudo.

Enquanto eu vivia minha desorientação e perplexidade, meus colegas avançaram em orientações e novas pesquisas. Mas inquietos que somos, nossa conversa não era somente sobre ciência, mas sobre a arte, os movimentos sociais, as nossas inquietações e dificuldades, a vida mesma que envolve o fazer científico. E todo esse movimento era empolgante, estimulante, nos provocando um novo desafio.

Não bastava ler, estudar, pesquisar... Queríamos por no papel (nas teclas do computador em verdade), nossas reflexões e experiências. E mais uma vez, não só como pesquisadores mas como professores, queríamos que a experiência de escrever sobre nossas pesquisas fosse compartilhada por todos e todas que fazem parte dessa aventura. Nossa participação na INTERVOZES nasce desse desejo.

E a pesquisa? Bem, a pesquisa eu ainda não sei como vai ser, onde vai dar... estou construindo com meus alunos... só sei que não quero deixar de estudar e procurar aprender com os caminhos e descaminhos da pesquisa.

REFERÊNCIAS

BECKER, H. **Segredos e truques da pesquisa**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

COHEN, L. y MANION, L. **Métodos cualitativos y cuantitativos en investigación educativa**. Madrid: Morata, 1990.

JOVCHELOVITCH, S. **Os contextos do saber: representação, comunidade e cultura**. Petrópolis: Vozes, 2008.

¹⁰ Mar Portuguez, de Fernando Pessoa.

LUDKE, Menga. Pesquisa e formação docente. **Cadernos de Pesquisa Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 35, n. 125, maio 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/v35n125/a0235125.pdf>
Acesso em: 14, fev, 2016.

MAFFESOLI, M. **Elogio da razão sensível**. Petrópolis: Vozes, 1998.